

## OS GRUPOS INDÍGENAS DE GOIÁS: PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS E A QUESTÃO DA TERRA

Cristiane Sousa Santos – [lyrasley@gmail.com](mailto:lyrasley@gmail.com)

**RESUMO:** As pesquisas em torno das culturas indígenas não são recentes, em sua maioria partiram de estudos da Antropologia e das Ciências Sociais. Nos últimos anos as pesquisas no âmbito da História tem se expandido e se firmando consideravelmente. Neste trabalho optamos por considerar os aspectos históricos dos grupos indígenas situados em Goiás desde o início do processo da colonização portuguesa na região. Outro aspecto que nos instigou se dá na questão das terras e a influência que as disputas e os aspectos econômicos exercem nas vidas desses exímios grupos que se residem em Goiás. Entendemos que, os avanços na proteção e manutenção da cultura indígena e do próprio indígena também, passaram por consideráveis avanços nas últimas décadas. Contudo, ainda há muito a ser feito e o que a História nos mostra são as razões para o incentivo a proteção e as motivações para o cenário que exterminou diversas etnias que aqui existiam e as perdas que as demais que sobreviveram enfrentaram. Nesse sentido o texto se desdobra da seguinte forma: na primeira parte fazemos uma breve introdução acerca do tema relacionando com os aspectos teóricos do tempo histórico. Em seguida, nos dedicamos a ponderar de forma breve, sobre as etnias que vivem em Goiás, a saber: os Karajás de Aruanã, os Avás-canoeiros e os Tapuias do Carretão. No tópico seguinte a nossa atenção se volta para a questão das terras desses indígenas. Por fim, fazemos algumas considerações dos temas discutidos no trabalho.

**Palavras-chave:** Karajá, Avá-canoeiro, Tapuias do Carretão.

### INTRODUÇÃO

É motivo de orgulho para um historiador, afirmar a importância da História. Entretanto, é sempre corrente as discussões do que vem a ser o tempo histórico, como ele se dá, como devem ser encaradas as fontes do passado, para nos mostrar os testemunhos da tradição, os fatos, os acontecimentos. Indagamos-nos em relação a essas questões ao analisarmos as fontes que nos orientaram nessa pesquisa. Os textos utilizados para a nossa discussão, são delineados a fim de transmitir a História das respectivas etnias, Karajá de Aruanã, Avá-canoeiro e Tapuias do Carretão, nos moldes da História Tradicional, segmentando a história desses grupos na região, seus aspectos demográficos, geográficos,



estágio ueg  
ccseh  
integracao  
projetos bacharel licenciatura  
culturas... Ao optarmos por também apresentar uma breve perspectiva histórica, a fim de contextualizar a vida desses grupos no território goiano, nos propusemos a pensar em qual perspectiva entendemos se tratar o tempo histórico, além de uma simples cronologia mas como “a contemplação das rugas no rosto dos homens, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido” (KOSELLECK, 2006, p. 13). Continuamos com Koselleck (2006, p. 13 – 14), situando as medidas para a avaliação do tempo histórico, que segundo o historiador para se entender a dimensão do mesmo,

[...] deve evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes, vislumbrando assim a notável transformação de estilo que empresta uma profunda dimensão temporal a uma simples fileira de casas; que contemple também o diferente ritmo dos processos de modernização sofrido por diferentes meios de transporte, que, do trenó ao avião, mesclam-se, superpõem-se e assimilam-se uns aos outros, permitindo que se vislumbrem nessa dinâmica, épocas inteiras. Por fim, que contemple a sucessão das gerações dentro da própria família, assim, como no mundo, do trabalho, lugares nos quais se dá a justaposição de diferentes espaços da experiência e o entrelaçamento de distintas perspectivas de futuro, ao lado de conflitos ainda em germe.

No caso dos grupos indígenas de Goiás, os Karajá de Aruanã, Avá-canoeiro e Tapuios do Carretão, o tempo histórico adotado pelos autores, nos demonstra que os mesmos se dedicaram a contemplar todos os aspectos relacionados aos grupos e percebendo a diversas transformações que os mesmos sofreram no curso da História, nos proporcionado a perspectiva de um futuro dos atuais indígenas, um tanto quanto turva. Isto em razão das diversas intervenções que os grupos indígenas de Goiás sofrem, em função das áreas demarcadas, que são constantemente ameaçadas de invasão, sobretudo, devido ao avanço da agropecuária e do turismo. A seguir apresentaremos uma breve descrição de cada um dos povos analisados, e na seguinte discussão do trabalho nos direcionaremos para a questão das terras.

## • OS KARAJÁ DE ARUANÃ.

Indígenas que sempre estiveram envolvidos em disputas, os Karajá passaram por intensas trocas culturais com outras etnias. Os primeiros contatos com o homem branco têm suas raízes no século XVII. E no século foram visitados por frentes religiosas, e autoridades,



como presidentes da República. Dentre os grupos analisados, são os que possuem um artesanato elaborado e que lhes traz inclusive, retorno financeiro (as bonecas Karajá).

- **OS AVÁ-CANOEIROS.**

Essa etnia foi denominada dessa forma, pelos primeiros colonizadores, por serem os indígenas dessa etnia, habilidosos em navegar em canoas no caudaloso Rio Tocantins/Maranhão. Os Avá tem uma língua própria, tendo sua língua mais aproximada do Tupi. Os Avá-canoeiroS desde o século XVIII sofreram com os confrontos com os colonizadores no chamado processo de “pacificação” empreendido pelos bandeirantes, a mando da Coroa portuguesa e posteriormente dos seguintes governantes.

Todavia, a pacificação dos Avá-Canoeiro não era uma questão simples nem fácil de se resolver. Algumas autoridades eram favoráveis à adoção de medidas drásticas contra os índios, outras acreditavam que tais medidas só contribuiriam para agravar a situação, deixando-os mais irritados e avessos ao contato, ao passo que alguns ofereciam um bom tratamento e doação de presentes a fim de conquista-los. A situação quase permanente de guerra em que viviam os índios, constantemente perseguidos e acuados, levou-os a desenvolver mecanismos de fuga, dificultando o contato. (PEDROSO, 2006, p. 99).

Ao final do século XIX, as batalhas dispersaram os Avá-canoeiros em diferentes grupos. Os índios segundo os registros, não teriam deslocado ao interior do território do Rio Maranhão, contudo, os confrontos se seguiam, os Avá-canoeiros, resistiam a fim de manter sua autonomia e pagaram um alto preço por tentarem manter as suas tradições.

- **OS TAPUIOS DO CARRETÃO.**

Os Tapuios da área indígena do Carretão é o mais populoso grupo de indígenas daqueles que restam em Goiás. A denominação Tapuia é incerta, em razão de essa denominação ser usual aos indígenas do sertão, uma atribuição pejorativa instituída pelos indígenas do litoral. Os indígenas desse grupo são o:

[...] o resultado de uma política de aldeamentos indígenas realizada no Brasil desde o início da colonização pelos portugueses, em 1500, até meados de 1860. São, portanto, descendentes de quatro grupos indígenas que foram



transplantados para o aldeamento Carretão, construído em 1788: Xavantes, Xerente, Kayapó do Sul e Karajá (Javaé), além de negros escravos e de brancos. (MOURA, 2006, p. 163).

Esse é grupo mais densamente miscigenado. Seu histórico de luta pela manutenção de suas tradições se estende até o século XX. E a luta por um território para manter a etnia, ainda é corrente. Os Tapuios do Carretão, por se manterem frente ao processo de colonização foram afetados diretamente pelos reveses históricos de Goiás ao longo do século XX.

A política expansionista implantada no Brasil a partir da década de 30 representou uma série de problemas aos tapuios do Carretão, em função, do contanto desses indígenas com as famílias latifundiárias, que os mesmos manteriam contato devido a relações de trabalho.

- **ÁREAS INDÍGENAS E A LUTA DOS INDÍGENAS DO CERRADO GOIANO POR SUAS TERRAS.**

Os grupos indígenas que se situam na região do estado de Goiás, foram duramente hostilizados desde o início do processo de colonização da região. Considerados hostis, várias etnias vieram de fato a ser extintas. E no caso dos Avá-canoeiros, a situação de extinção é eminente em razão, da luta desse povo em manter as suas tradições.

Inicialmente as constantes lutas com o proposito pacificador, fizeram com que esses grupos se dispersassem das regiões habituais. Já no século XX, inseridos no contexto de demarcação das áreas indígenas, as etnias se tornaram vítimas das famílias latifundiárias, que invadiam discriminadamente esses territórios, ou mesmo, se aproveitavam de relações socioeconômicas com os indígenas, com o intuito da exploração da mão-de-obra desses indivíduos.

No caso dos indígenas da etnia dos Karajás, tradicionalmente assentados na região da Ilha do Bananal e tendo grupos situados por toda a extensão do Rio Araguaia. Os Karajá foram sendo continuamente isolados, estando atualmente assentados em três áreas distintas, já devidamente demarcadas, mas constantemente ameaçadas pelo crescente turismo da região. O resultado de tal cenário se constitui na atual necessidade que grupo tem de sobreviver das políticas assistencialistas do governo.

Em relação aos Avá-canoeiros, a situação é ainda mais drástica. Continuamente vítimas das chamadas políticas de pacificação desde o período colonizatório. Os Avá-canoeiros, antes, um extenso grupo, se viram obrigados a se dispersarem pela região, resistentes ao contato com os colonizadores, estão em ameaça de extinção e somente se mantêm em razão da política de preservação que vem sendo implantada nas últimas décadas.

Os Tapuios do Carretão, o grupo mais miscigenado, são resultado de um processo de aldeamento proposto ainda no período da colonização. Retrato da miscigenação de diversos grupos indígenas em conjunto com os negros e brancos, são dentre os grupos aqui destacados, aqueles que possuem um vínculo com a terra, nos moldes do camponês, mas não inteiramente camponês.

Em comum, os grupos indígenas de Goiás, estão as constantes ameaças de invasão dos latifúndios em suas terras. Os grupos indígenas do interior, não possuíam identificação por territórios, sendo inclusive, constantes os embates entre os próprios grupos aqui residentes. A imposição da vida em áreas demarcadas é uma necessidade contemporânea, embora, desde o início do processo de colonização, os esforços para tal se apresentassem de forma intensa, em razão dos processos de “pacificação” e das missões jesuíticas.

A política expansionista empreendida no século XX, no cerrado goiano, representou aos grupos indígenas sérios problemas. O constante embate, pela expansão da agricultura em função do progresso, tornou os grupos indígenas aqui residentes constantes vítimas de latifundiários. Os karajás de Aruanã vem sendo, continuamente ameaçados pelo turismo ascendente da região, estando cada vez mais, condicionados à políticas assistencialistas dos órgãos governamentais. Os tapuios foram desde a década de 30, vítimas de invasão de seu território, seja por fazendeiros, ou grileiros. E na década de 50 quando finalmente conseguiram ter suas terras delimitadas, foram abandonados pelo governo, o que agravou o processo de expulsão dos indígenas de suas, pelos fazendeiros e grileiros.

Não dispondo dos recursos financeiros necessários, o Tapuio era obrigado a renovar o aluguel ou mesmo vender a terra, caracterizando-se a alienação da terra indígena, que é vedada pela Constituição Federal. Houve casos, relatados por Tapuios, em que a terra foi vendida em troca de comida, roupa e até mesmo pinga. [...] No final da década de 1970, a situação dos Tapuios e de suas terras era deprimente. Com quase todas as terras da área alugadas, quando não vendidas, os indígenas já não tinham mais espaço para suas plantações. Isso afetou profundamente a produção de subsistência da comunidade. Com o intuito de remediar esta situação, foram forçados a procurar outras fontes de trabalho. [...] Dessa forma, “ilhados em seus próprios



lotes”, foram obrigados a trabalhar para locatários de suas terras, como peões, meeiros ou diaristas. (MOURA, 2006 p. 184 – 185).

Sendo assim, antes donos de suas terras, os Tapuios, abandonados, foram obrigados a arrendar as suas e tornaram-se vítimas dos grileiros e latifundiários da região. A luta dos indígenas goianos por suas terras condensa-se, na própria manutenção das tradições, duramente afetadas pelos processos de “pacificação”. E mesmo que enfrentem resistência da sociedade em razão do desconhecimento da população da importância da manutenção da tradição desses povos, devem continuar efetivamente em expansão.

Isto, pois, o que se pode comprovar ao contemplar o histórico desses povos, é que quando abandonados, os mesmos continuam vítimas das ações dos brancos. Ao observar a quantidade de etnias que simplesmente desapareceram do território goiano desde o início do processo de colonização e constatar o reduzido número de indivíduos e a pequena quantidade de etnias que restaram, as políticas de proteção, são irrisórias e jamais compensatórias das perdas sofridas por esses povos.

## • CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A breve discussão aqui feita, levanta apenas um pequeno ponto relacionado aos problemas que essas etnias enfrentam, tendo em vista que, as ameaças de invasão das terras desses grupos ainda se mantêm, não podendo os órgãos governamentais responsáveis pela proteção dessas etnias, não se dispersarem, por serem constantes os interesses por parte de grandes proprietários nessas terras.

A luta pela manutenção da tradição desses povos representou aos mesmos a quase extinção. E a questão das terras foi como podemos comprovar um fator fundamental, para esse processo. Trabalhar em prol da proteção das áreas destinadas a esses grupos, se constitui em um dos diversos fatores que possibilitam a manutenção e a existência destes na atualidade e esperamos nós, na posteridade.

Dessa forma, também, entendemos que as pesquisas desses processos de luta e resistências das etnias indígenas, proporcionam ao historiador, fontes ricas e diferenciadas que



possibilitam entender a história do estado em todos os seus âmbitos, ou seja, os aspectos socioeconômicos, políticos e culturais.

- **REFERENCIAS**

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *Karajá de Aruanã*. In: MOURA, Marlene Castro Ossami (org.). *Índios de Goiás, uma perspectiva histórico-cultural*. Goiânia: Ed. da UCG/Ed. Kelps, 2006.

MOURA, Marlene Castro Ossami. *Os Tapuios do Carretão*. In: MOURA, Marlene Castro Ossami (org.). *Índios de Goiás, uma perspectiva histórico-cultural*. Goiânia: Ed. da UCG/Ed. Kelps, 2006.

PEDROSO, Dulce Madalena Rios. *Avá-Canoeiro*. In: MOURA, Marlene Castro Ossami (org.). *Índios de Goiás, uma perspectiva histórico-cultural*. Goiânia: Ed. da UCG/Ed. Kelps, 2006.

